

## COMO BRINCAM E O QUE DIZEM AS CRIANÇAS EM UMA BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA?

Evandro Salvador Alves de Oliveira<sup>1</sup>

Danielle Oliveira Freitas<sup>2</sup>

Francielly Maria de Souza<sup>3</sup>

Wellington Sousa Lima<sup>4</sup>

**Resumo:** As crianças do século XXI não brincam e produzem culturas (lúdicas) idênticas àquelas do século passado. A cultura lúdica, como toda cultura, é um produto da interação social que é modificada, afetada e transformada cotidianamente, escapando de um fenômeno cristalizado. A cultura virtual e o mundo das tecnologias digitais possuem elementos e conteúdos que se fazem presentes nas relações que ocorrem entre sujeitos durante o decorrer da vida, no trabalho, na escola e no meio social de modo geral. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é refletir sobre as brincadeiras e discursos infantis que acontecem em contextos educativos como a Brinquedoteca Universitária. Trata-se de um estudo alicerçado na abordagem qualitativa, com vistas ao aporte teórico presente no campo das Ciências Humanas e Sociais. Por meio de metodologias que se apropriam de observações participantes, as vozes e ações das crianças são fontes de análises importantes e exploradas. É possível compreender que o contato e interação com as tecnologias digitais e a cultura midiática, desde a mais tenra idade, trazem fenômenos que permitem a configuração de novos modos de brincar, pensar, agir e ser criança na cultura do consumo e do capitalismo. Portanto, o brincar no século XXI carrega elementos advindos da mídia que contribuem para novas construções e maneiras de produzir culturas lúdicas.

**Palavras-Chave:** Criança. Brincar. Brinquedoteca.

### Introdução

O presente estudo é um recorte de um projeto maior, desenvolvido a partir de um trabalho articulado entre projetos de pesquisa e extensão de um Centro Universitário de Mineiros, Goiás, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Conep/Brasil) em 2017. Nosso grupo de pesquisa interessa, e muito, em aprofundar sobre os estudos da criança na cultura contemporânea, principalmente sobre o jogo, o brincar, as expressões motoras e as culturas lúdicas que ocorrem nas interações estabelecidas entre crianças e o mundo das mídias e tecnologias. Essas questões trazem elementos importantes que têm sido manifestados no interior de uma Brinquedoteca Universitária.

<sup>1</sup>Mestre em Educação (UFMT). Doutorando em Estudos da Criança (UMinho-Portugal). Doutorando em Educação (UNIUBE-Brasil). Docente efetivo do Centro Universitário de Mineiros. [evandro@fimes.edu.br](mailto:evandro@fimes.edu.br)

<sup>2</sup>Graduanda em Educação Física pela Unifimes. Centro Universitário de Mineiros. [danielle\\_of@msn.com](mailto:danielle_of@msn.com)

<sup>3</sup>Graduanda em Educação Física pela Unifimes (Bolsista). Centro Universitário de Mineiros. [franciellyfitness@gmail.com](mailto:franciellyfitness@gmail.com)

<sup>4</sup>Graduando em Educação Física pela Unifimes (Bolsista). Centro Universitário de Mineiros. [wellingtonsousa.e.f@gmail.com](mailto:wellingtonsousa.e.f@gmail.com)

Partimos do pressuposto de que a cultura midiática, bem como seus conteúdos, programas, personagens e imagens que transitam em diferentes canais, exercem forte influência nas maneiras como as crianças aprendem sobre o mundo e intervêm nele. A partir de inúmeras observações, intervenções e oficinas, temos constatado que as tecnologias também são elementos com as quais as crianças interagem desde muito pequenas, o que nos impulsionam a pensar e refletir sobre os novos modos de ser e brincar no século XXI.

Temos como base teórica os estudos acumulados no campo das Ciências Humanas e Sociais e o alicerce teórico-metodológico situa-se no terreno da pesquisa qualitativa, para compreendermos fenômenos e subjetividades infantis. Para tanto, emprestamos o olhar da fenomenologia para, ao aproximar dos sujeitos, conhecer de modo mais profundo sobre os sentidos que produzem, valorizando suas singularidades e vozes.

Para conhecer um pouco mais sobre como brincam, do que brincam e o que dizem as crianças quando produzem culturas lúdicas nos dias atuais é preciso aproximar dos sujeitos, dialogar com eles, provocar e construir significados junto a eles. É nesse sentido que as reflexões deste trabalho pretendem seguir, a começar por alguns apontamentos sobre o que é ser criança hoje no mundo bombardeado por informações, produtos e novidades tecnológicas.

### **Quem é a criança do século XXI? Algumas reflexões**

Walter Benjamin (1984) aponta várias considerações sobre a criança e a brincadeira, referindo-se ao período do século passado, tempo atual na época do autor quando analisou a história cultural dos brinquedos, por exemplo. Benjamin dizia que as crianças na França, em razão de uma forte influência da segunda guerra mundial, brincavam com soldados de chumbo, reproduzindo a “guerra” como atividade brincante.

Benjamin (1984), por sua vez, compreendia que as brincadeiras infantis aconteciam conforme o contexto que as circulam. Se Benjamin investigasse o brincar das crianças nos dias atuais, provavelmente suas reflexões estariam em torno de ações lúdicas entre crianças e brinquedos eletrônicos, objetos descartáveis, bem como de jogos presentes no universo da competitividade, do consumismo e das personagens midiáticas – filmes, desenhos, entre outros.

O termo infância, diferente de criança, apresenta um caráter genérico como aponta Andrade (2010). A infância é uma categoria na estrutura da sociedade, da qual a criança faz parte. Para Andrade (2010) o significado de infância resulta das transformações sociais, o que demonstra que a vivência da infância se modifica conforme os paradigmas do contexto histórico e outras variantes sociais, como raça, etnia e condição social.

Na direção do pensamento acima e a partir dos estudos de teóricos da Sociologia da Infância, como Sarmiento, Vilarinho, Fernandes e Prout, a criança (e suas vicissitudes) do século XXI se difere bastante da criança moderna. Os eventos e acontecimentos que ocorrem na infância não são engessados e modulados de forma ordenada, pois o tempo e espaços influenciam, bem como as condições de meio em que a criança está inserida. Conforme descrito por Momo e Costa (2009), a infância é uma construção cultural, social e histórica, sujeita a mudanças.

Cabe ressaltar, aqui, que durante as observações realizadas pelo grupo de investigação na Brinquedoteca é possível perceber que as crianças têm um grau de independência bem maior do que nos comportamentos vistos antigamente. Conforme descrito por Pimentel e Araújo (2007), no Brasil, desde os períodos de colonização, a organização social é marcada pela prioridade do poder dos adultos sobre as crianças.

Assim, podemos dizer que as crianças estão, hoje, muito seguras do que querem e desejam. Elas demonstram firmeza em suas ações, não dependendo do “comando” dos adultos. Nesse sentido, Momo e Costa (2009) afirmam que as condições culturais contemporâneas produzem infâncias distintas da infância moderna – ingênua, dócil, dependente dos adultos – e modificam as formas como as crianças vivem.

Andrade (2010) contribui com essa discussão ao afirmar que o entendimento que se tem da infância, hoje, sobretudo a partir dos estudos no campo da sociologia, rompe com o paradigma sustentado por muitas e muitas décadas sobre a imagem e concepção de uma criança frágil, inocente, dependente e incapaz, dando lugar à concepção da criança rica, forte, poderosa e competente, construtora de conhecimento, identidade e cultura.

São crianças críticas, protagonistas e ávidas que percorrem os espaços que adultos frequentam e ocupam na atualidade. Durante a realização do projeto de extensão universitária, em que meninos e meninas, entre 3 e 5 anos, utilizam o espaço para brincar e aprender, deparamo-nos com sujeitos que escolhem suas próprias brincadeiras, brinquedos, questionam, indagam e se posicionam em momentos distintos e oportunos.

É imprescindível, no leque dessas reflexões, que tenhamos visões mais amplas sobre as crianças, de modo a considerá-las como indivíduos que pensam, sentem, opinam, participam, refletem e criticam, tal como um adulto, salvo suas respectivas peculiaridades. Concordamos com Pimentel e Araújo quando afirmam que é indispensável promover a ruptura com a representação desqualificada de que a criança seja alguém incompleto – visão reducionista.

É pertinente trazer para a discussão, também, reflexões sobre outros pontos. Um deles é sobre a diversidade de informações que as crianças têm à mão, advindas especialmente pela

mídia. Elas estão, cada vez mais, energizadas para colocarem em prática suas ideias, com segurança de que são as protagonistas da ação, sem que haja interferências exercidas verticalmente pelos adultos. Como dizem Pimentel e Araújo (2007), as crianças dos tempos pós-modernos estão sempre a nos desafiar, pois elas nos escapam o tempo todo e, falar delas, é o mesmo que lidar com suas ambivalências e infinitas faces.

Momo e Costa (2010) debatem questões que colocam a criança no centro das discussões. Para eles existe um fenômeno decorrente da interação entre televisão e sujeitos, como a linguagem televisiva. Nesta linguagem os significados, ícones infantis e artefatos que ela põe em circulação se modificam velozmente. Isto é caracterizado por fatores que fazem as crianças também mudarem constantemente o jeito de falar, os personagens que imitam, os assuntos e os desejos que expressam, os interesses que têm, os artefatos que portam, as pessoas às quais se vinculam e o próprio corpo. Fazem parte desse estado de movimento, velocidade e efemeridade práticas presentes, já há algum tempo, nas civilizações ocidentais, como seguir modas ou tendências do momento na forma de se vestir, de usar adereços, de cortar e/ou pintar os cabelos e as unhas (Momo e Costa, 2010).

Conforme pensam os autores, as crianças vivem o mundo das visibilidades no qual, mais do que ter, é importante parecer: parecer ter, parecer ser. Objetos tecnológicos geralmente proporcionam prestígio para quem os carrega, bem como promovem a inscrição em uma cultura globalmente reconhecida. No entanto, nas várias vezes em que nos aproximamos para dizer que gostaríamos de fotografar tais artefatos, seus donos trataram de esclarecer que nem todos funcionavam. Poucos dos objetos que portavam haviam sido experimentados em funcionamento. A maioria das crianças só trazia consigo porque haviam sido descartados por alguém e não funcionavam mais. Prestavam esses esclarecimentos somente quando indagadas; usualmente assumiam posturas de quem utiliza esses objetos em bom estado, colocando o rádio no ouvido como se estivessem ouvindo música, digitando os números na calculadora na hora de fazer as contas ou parecendo ter um celular que funciona (MOMO e COSTA, 2010).

Nesse sentido, Momo e Costa (2010) nos convidam a refletir sobre o significado do pertencimento, do desejo pela conquista de objetos, no ter, no descartar, em consumir. Observamos, com os autores, que as crianças pós-modernas desejam incessantemente fazer parte do mundo das visibilidades, querem aparecer, para poder “ser”. A pesquisa de mestrado de Oliveira (2014) traz dados e análises sobre esses fenômenos. Oliveira (2014) explorou como elementos da cultura midiática contribuem para despertar nas crianças uma forte valorização pela visibilidade, pelo corpo magro, esbelto, fama e status social.

Neste texto, o que está em pauta, portanto, é o que fazem, dizem e do que brincam crianças pequenas, estudantes de uma escola pública de Educação Infantil em Mineiros, Goiás. Partimos, então, para alguns pontos que permitem ampliar os olhares e as reflexões.

### **Do que brincam, como brincam e o que dizem as crianças na Brinquedoteca Universitária?**

Há três anos, na Brinquedoteca Universitária, docentes, graduandos e pesquisadores investigam interações que ocorrem entre as crianças, observando seus comportamentos, suas expressões e modos de brincar e socializar, tanto entre os colegas, quanto com os adultos. Ao observar algumas brincadeiras que acontecem na Brinquedoteca, vemos que muitas ações [re]produzidas pelas crianças carregam elementos da cultura midiática, importante para analisar na investigação. Sem sombra de dúvida este é um ponto que nos permite pensar no seguinte aspecto: as crianças que hoje vivem entre nós são bem diferentes daquelas de antigamente, que não dispunham de informações e meios de comunicação existentes na atualidade – como hoje tem abundantemente e com livre acesso.

Na Brinquedoteca acontecem várias situações nos grupos de crianças, compreendidas por nós como reproduções de realidades vivenciadas por elas no dia a dia ou até mesmo de cenas extraídas de conteúdos que circulam na mídia ou em outros meios de comunicação. O grupo de pesquisa possui um diário de campo, em que são registradas as ações de meninos e meninas, bem como o que elas fazem e dizem. O diário é construído e alimentado semanalmente, fruto dos encontros e trabalhos desenvolvidos com crianças e professoras da rede pública de ensino da cidade que participam do projeto.

Durante uma roda de conversa o pesquisador realizou uma série de perguntas às crianças, objetivando saber o que elas mais assistem em casa, do que mais gostam de brincar e quais objetos eletrônicos elas possuem. As crianças de 3 e 4 anos nos responderam que preferem assistir a Galinha Pintadinha, o desenho do Sapo, Batman, Homem que voa e pula (Spider Man).

Foi questionado às crianças, também, se elas sabem se os desenhos são de brincadeira (mentirinha) ou de verdade. Elas disseram que são de verdade e nos explicaram que na televisão passa “um monte de coisas de verdade”. Das 18 crianças investigadas, três possuem televisão em seus quartos e outras quatro relataram que tem vídeo game em suas residências. Praticamente todas disseram que conhecem o celular e sabem usar ele para tirar foto e jogar.

De modo geral, as crianças brincam na Brinquedoteca com os inúmeros tipos de jogos e brinquedos que nela existem. São perceptíveis as preferências, como as bolas, as bonecas, os



jogos de cozinha e os ursinhos. Elas não são impedidas de brincar com nenhum tipo de objeto, pois já temos trabalhado e discutido bastante a questão relacionada ao gênero, que já foi assunto de estudos, pesquisas e reflexões.

### Considerações finais

Na sociedade das tecnologias digitais e do consumo deparamo-nos com sujeitos [as crianças] que se apropriam desde muito pequenas dos recursos tecnológicos e informacionais, surpreendendo, muitas vezes, os adultos, deixando-os perplexos. Nesse mesmo sentido vemos que não é difícil entender por que a maior parte das crianças, na cultura que valoriza o corpo e a beleza, ambiciona ser “famosa”, valorizando o fato de ser notado, comentado, curtido na rede social ou desejado.

Na cultura líquida e pós-moderna, emprestamos o olhar e as compreensões de Bauman (1999) para entendermos que as crianças manifestam “preocupações” com seus corpos, estes que seriam impensáveis ou objetos de discussão em outros tempos. Hoje as crianças nascem no meio da virtualização e digitalização, do entrecruzamento de informações e profusão de imagens que percorrem o tempo circular e contínuo, com aspectos emblemáticos a serem investigados – estes que atravessarão gerações e gerações.

### Referências

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.  
MOMO, M.; COSTA, M. V. Crianças escolares do século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n.141, set./dez. 2010.

MOMO, M.; COSTA, M. V. **Crianças que vão à escola no início do século XXI – Elementos para se pensar uma infância pós-moderna**. 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. Caxambu – MG. 2009.

PIMENTEL, A.; ARAÚJO, L. S. **Concepção de Criança na Pós-Modernidade**. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 [2], 184-193, 2007.

SARLO, B. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo cultura na Argentina**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

OLIVEIRA, E. S. A. **Infância e cultura contemporânea: os diálogos das crianças com a mídia em contextos educativos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2014.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

